

# O anjo vendo as horas

Livro do Professor

**Autor:** Rubem Braga

**Ilustradora:** Camila Carrossine

**Categoria:** 1 (1º, 2º e 3º anos)

**Temas:** Descoberta de si; Diversão e aventura; O mundo natural e social

**Gênero literário:** Crônica

**Elaborado por:** João Vitor Guimarães Sérgio

Mestrando em Literatura Brasileira (FFLCH-USP). Bacharel e Licenciado em Português e Inglês (FFLCH-USP). Professor bilíngue e de redação. Redator e revisor.



2ª Edição, 2021

# Sumário

Carta ao professor	<b>3</b>
Contextualização do autor e da obra	<b>3</b>
Temas e gênero literário	<b>5</b>
Motivação para a leitura	<b>9</b>
Propostas de atividades	<b>9</b>
Literacia familiar	<b>19</b>
Referências	<b>21</b>

## Carta ao professor

Cara professora, caro professor,

Neste material de apoio para o trabalho com o livro *O anjo vindo as horas*, de Rubem Braga, você encontrará esclarecimentos sobre a obra, aprofundamento teórico e algumas propostas de atividades que podem contribuir para uma leitura mais atenta desse livro. Buscamos ampliar o repertório de práticas e experiências relacionadas com a linguagem, a leitura e a escrita, as quais a criança vivencia com seus pais ou responsáveis.

Trata-se de sugestões para auxiliar nas atividades de leitura, escrita, escuta e diálogo com os alunos, com o objetivo de permitir uma participação crescente no mundo letrado, proporcionando uma ampla compreensão dessa obra de um escritor de relevância para a literatura infantil brasileira. Sendo assim, você tem liberdade para adaptar esses conteúdos conforme seu interesse e planejamento curricular.

O livro apresenta uma crônica que se desenrola em uma viagem de avião e discute a passagem do tempo e como aproveitá-lo da melhor maneira possível, seja vivendo experiências marcantes e transformadoras ou descobrindo falas e atitudes que façam bem ao mundo e a nós mesmos. Com isso em mente, esperamos que as atividades aqui propostas sejam interessantes e inspiradoras tanto para você quanto para seus alunos, e que elas desencadeiem os mais diversos questionamentos, sentimentos e pensamentos diante das nossas formas de ser e estar no mundo.

Bom trabalho!

## Contextualização do autor e da obra

Rubem Braga (1913-1990) é um escritor brasileiro que se destacou sobretudo por suas crônicas, veiculadas em jornais como *Diário de Pernambuco* e *Folha de S.Paulo*, e, ainda ao longo de sua carreira, publicadas também em volumes como *A borboleta amarela* (1955) e *A traição das elegantes* (1967). O autor é reconhecido particularmente pelo tom irônico, leve e lírico aplicado a suas crônicas, além do estabelecimento de uma relação de intimidade e acolhimento perante o leitor, como é o caso da narrativa apresentada em *O anjo vindo as horas*.

Nascido em Cachoeiro de Itapemirim, no interior do Estado do Espírito Santo, Rubem Braga começou a escrever e publicar suas crônicas no *Diário da Tarde* quando ainda era estudante. Alguns anos depois, formou-se em Direito em Belo Horizonte, profissão que não chegou a exercer, dedicando-se ao Jornalismo por toda a vida. Cobriu, como repórter, os conflitos da Revolução Constitucionalista de 1932 – chegando inclusive a ser preso por alguns dias – e, mais tarde, transferiu-se para Recife, onde dirigiu a página de crônicas policiais no *Diário de Pernambuco*.

Sua primeira reunião de crônicas foi publicada quatro anos mais tarde sob o título *O conde e o passarinho*, no qual inclui-se a crônica homônima. Seus livros seguintes se-

riam publicados já no final da Segunda Guerra Mundial, reunindo escritos como “A lira contra o muro” e “A procissão da guerra”, nos quais o autor se aprofunda na análise do impacto que a barbárie causou na vida dos civis.

No geral, acompanhamos em seus textos uma perspectiva crítica que se desloca tanto no tempo como no espaço e que se posiciona não apenas diante dos impasses sociopolíticos brasileiros mas também dos mundiais. Ao ler as crônicas, é importante ter em mente que o escritor morou em muitas cidades diferentes, incluindo Recife, Rio de Janeiro e Paris (na ocasião em que foi correspondente do *Diário Carioca* durante a Segunda Guerra Mundial), e em Rabat, no Marrocos, quando foi o embaixador brasileiro no país.

No que diz respeito às práticas de leitura vigentes na época, devemos considerar a escassez da condição letrada nas décadas de 1930 e 1940, nas quais cerca de 65% dos brasileiros eram analfabetos, segundo dados do IBGE. Logo, ainda que os textos de Braga tenham sido considerados, na época, como parte de uma literatura de grande circulação, não devemos tratar com a mesma proporção dos dias de hoje – visão essa que seria, de certa forma, anacrônica (análise de aspectos de um tempo com a perspectiva de outro).

Contextualizando de forma histórica toda a obra de Rubem Braga, podemos abranger praticamente todo o século XX, marcado pelo dualismo entre Aliados e Eixo, na Segunda Guerra Mundial, e, posteriormente, entre capitalismo e comunismo, durante a Guerra Fria. Em crônicas como “Manifesto” e “Meu ideal seria escrever...”, Rubem Braga não apenas conta anedotas ou situações cotidianas, mas dedica-se a argumentar a favor dos trabalhadores e das classes menos favorecidas, denunciando a desigualdade e promovendo uma atitude empática do leitor médio – que, se possuía condições de ler na época, já era infinitamente privilegiado em comparação com as personagens mais simples e marginalizadas frequentemente trazidas à tona pelo autor.

Desse modo, Rubem Braga criticou a vida burguesa e se esforçou para lutar contra a censura imposta no final da década de 1930 durante a Era Vargas – especialmente com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que promovia o governo –, e de maneira ainda mais repressora na época da Ditadura Militar, após a promulgação do Ato Institucional nº 5 em 1968 durante o governo de Costa e Silva, que atacava a liberdade de expressão.

Nesse período, o país vivia uma série de transformações sociais, como o êxodo rural cada vez mais intenso do interior para as capitais estaduais do Brasil, a conquista do direito ao voto por parte das mulheres em 1934, a difusão do rádio e da televisão, especialmente entre as décadas de 1940 e 1960, a criação de uma série de universidades federais no mesmo período e, como veremos adiante, o rápido crescimento do transporte aéreo. Tudo isso trouxe mudanças na vida cotidiana das pessoas de classe média.

Embora não seja um grande expoente da literatura infantojuvenil, o autor possui alguns textos nos quais o protagonismo é de personagens que encontram-se nessa faixa etária, sendo que, muitas vezes, os narradores em terceira pessoa expressam

certa proximidade e até onisciência em relação a esses personagens, retomando suas lembranças ou assumindo seus pontos de vista pelo discurso indireto livre, como nas crônicas “A minha glória literária”, “A borboleta amarela” ou “A palavra”.

Sendo assim, o trabalho com textos do autor deve ser incentivado desde o início da Educação Básica. Em estudo colaborativo publicado na *Revista Linha Mestra* em 2016, as pesquisadoras Patrícia Gama Temporim, Rachel Santana Torres Poloni e Simone Machado de Athayde celebram a importância que o contato com o autor tem nos anos iniciais de formação leitora.

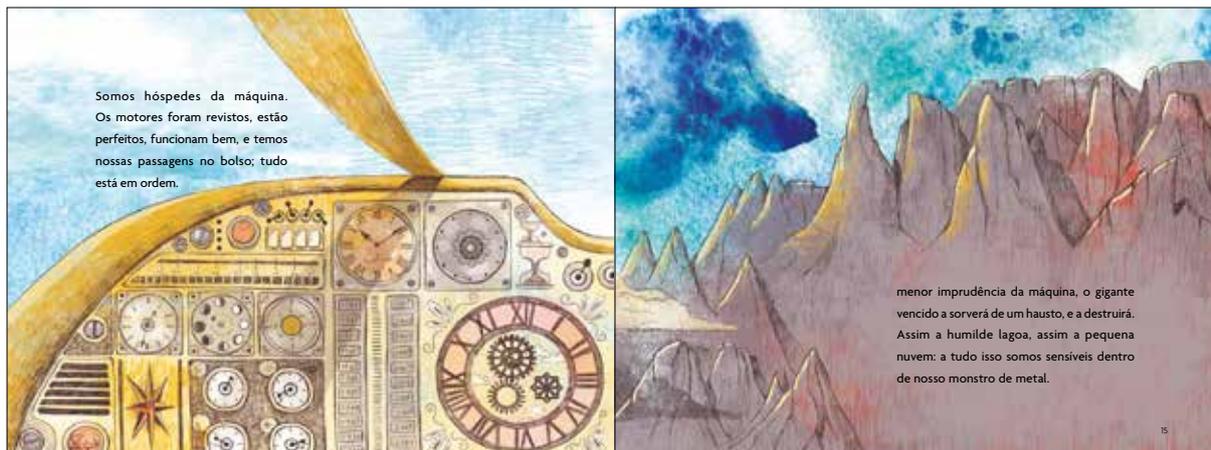
Oportunizar as crianças a ouvirem e “sentirem” as crônicas de Rubem Braga é uma forma de privilegiar a democratização da leitura como mecanismo de acesso à sociedade do conhecimento e de formação de um leitor pleno. A organização entre sujeitos – interação – diálogos favorece o entendimento das crônicas literárias (...) [por meio dos] temas explorados pelo autor, que sempre remetem à natureza, sua origem e as lembranças. (ATHAYDE, 2016, p. 1504).

Para melhor aproveitamento do trabalho com a obra de Rubem Braga, sugerimos ainda que você entre em contato com os livros *Histórias de Zig* e *O menino e o tuim*, que incentivam leituras do autor pelas mais diversas faixas etárias e também expõem sua forma de utilizar a linguagem que possibilita múltiplos caminhos interpretativos e pode impactar o leitor que entra em contato com ela em fases distintas da vida.

## Temas e gênero literário

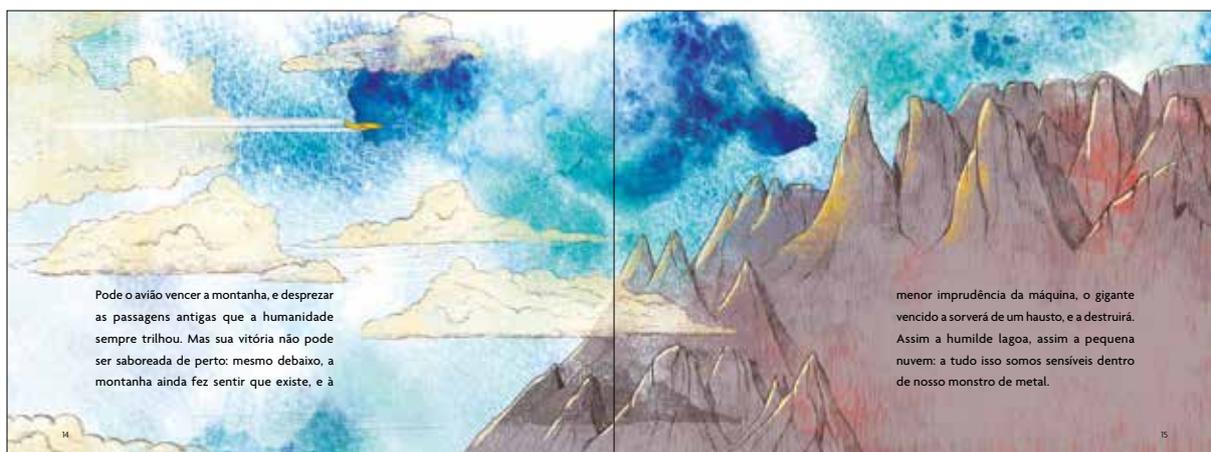
O livro *O anjo vendo as horas* apresenta a crônica “Neide”, de Rubem Braga, publicada originalmente em 14 de agosto de 1953 no jornal *Correio da Manhã* e presente no volume *A cidade e a roça* (1957), editado a partir de 1985 com o título *O verão e as mulheres*, a pedido do próprio autor. Nesta crônica, uma menina viaja de avião pela primeira vez e pensa a respeito da vista com nuvens e montanhas, do tamanho do céu, da existência e da forma de anjos e da distância entre diferentes espaços e tempos em uma aventura de questionamentos e descobertas.

Ao detalhar os pensamentos e sentimentos da protagonista, a narração em terceira pessoa transita entre os discursos direto, indireto e indireto livre para aproximar o leitor da perspectiva da menina, instigando-nos a criar outras perguntas e a pensar em possíveis respostas para suas variadas inquietações. Entre os usos das funções referencial e poética da linguagem, Rubem Braga elabora uma crônica que cria sólidas imagens em expressões como “hóspedes da máquina” (p. 12), para posicionar a família da história dentro do avião, ou “a humilde lagoa e a pequena nuvem” (p. 15) que compõem a paisagem vista de modo panorâmico pelos personagens.



Considerando os estudos de Roman Jakobson (2007), podemos compreender a função referencial da linguagem como aquela que indica e informa a respeito de elementos empíricos, isto é, que fazem parte da nossa realidade cotidiana. Já a função poética está relacionada às diferentes técnicas e nuances possíveis para transmitir a mensagem. A construção de imagens, a repetição de determinados sons e as escolhas sintáticas e semânticas podem ser exemplos que nos ajudam a identificar a prevalência dessa função no texto. Dessa forma, enquanto a função referencial se concentra no referente da mensagem transmitida, a função poética tem como foco a forma de transmissão dessa mensagem, recorrendo aos mais diversos recursos linguísticos e a figuras de linguagem para isso.

No que diz respeito ao gênero do texto, podemos começar recorrendo à história da palavra “crônica”, que tem sua origem do latim (*chronica*) e referia-se, no início do Cristianismo, ao relato de acontecimentos em ordem cronológica. Na modernidade, porém, ela surgiu junto com a imprensa por volta do século XIX e pode ser considerada um desdobramento da ascensão do folhetim, que se constitui como uma narrativa literária e seriada – isto é, com “episódios” diários, semanais ou mensais.



De forma didática, atualmente, podemos corresponder o folhetim do século XIX às séries televisivas no século XXI, cujos episódios possuem ganchos, uma narrativa ágil e contam uma história maior (que se desdobra em muitas etapas) – ainda que, guardadas as devidas proporções, seja essencial diferenciarmos a linguagem literária da cinematográfica.

Desse modo, podemos encarar a crônica como um fragmento ou um recorte temporal desses “episódios” que formam uma grande história. Enquanto o gênero literário romance e a linguagem cinematográfica – particularizando aqui os recursos utilizados em um longa-metragem – desenvolvem o sentido de uma vida toda, a crônica (ou o conto, como veremos adiante), como os episódios de uma série, desenvolve situações pontuais de determinado(s) sujeito(s).

Outro ponto importante para um melhor aproveitamento da leitura de *O anjo vendo as horas* é ter em mente que todo discurso, falado ou escrito, tem um propósito e uma perspectiva. É importante decodificar e interpretar esses textos tendo em mente o todo do qual faz parte aquela produção – ou, para utilizar um termo mais adequado, o contexto no qual aquela obra está inserida.

Façamos mais uma observação quanto à distinção entre crônica e conto. Por mais que a primeira carregue diferentes nuances literárias, ela pertence originalmente à esfera jornalística e participa da vida social como um comentário a respeito de um fato cotidiano – com o uso de elementos narrativos ou não –, enquanto a forma do conto se concentra no desenvolvimento de um enredo e de um clímax que se centram em um único conflito principal. Mais importante do que isso, porém, é uma leitura atenta, crítica e contextual dos textos, independentemente do gênero.

No Brasil, a crônica e o folhetim ganharam destaque no fim do século XIX, época em que José de Alencar (1829-1877) e, pouco tempo depois, Machado de Assis (1839-1908) publicavam seus textos em jornais e revistas – e, posteriormente, em livros. Rubem Braga publicou seus textos nos mesmos veículos, mas no século XX, após maior difusão das mídias de comunicação e, sobretudo, em um país que passava por transformações sociais, éticas, políticas, econômicas e culturais muito mais intensas e aceleradas.

Nesse contexto, o transporte aéreo ganhava cada vez mais destaque, considerando a extensão do Brasil e a precariedade de outros meios de transporte. A aviação comercial teve, assim, um crescimento demasiadamente acelerado no país, tanto pelo rápido desenvolvimento de tecnologias quanto pelo alto investimento – não recebidos na mesma escala para, por exemplo, a manutenção de rodovias e/ou ferrovias, que sofrem com a precarização até hoje.

Durante a década de 1950 (na qual a crônica de Braga foi publicada), o país tinha a segunda maior rede comercial do mundo em volume de tráfego, atrás somente dos Estados Unidos. Naquela época, cerca de 16 empresas brasileiras realizavam voos comerciais, algumas com apenas dois ou três aviões e fazendo principalmente ligações

regionais. Voar, portanto, era uma realidade para as crianças da elite daquela época e era uma ação diretamente relacionada à idealização positivista de “progresso” que o governo procurava ostentar.

Articulando o contexto da publicação ao tema do conto, temos ainda que enfatizar como a literatura da época se dispunha a aprofundar as questões psicológicas dos narradores, personagens e eu lírico. Tanto na poesia de Carlos Drummond de Andrade quanto na prosa de escritores como Graciliano Ramos e João Guimarães Rosa, que muito circulavam entre os intelectuais da época, acompanhamos narradores não confiáveis, histórias que fogem ao padrão cartesiano de começo, meio e fim e associações entre palavras e acontecimentos que não demonstram causa e efeito, mas sim a instabilidade e urgência de discutir a condição humana e temas sociais diversos.

Todos esses tópicos são perceptíveis, ainda que de modo indireto, em *O anjo vendo as horas*, em que, aventurando-se em uma viagem aérea pela primeira vez, a experiência vivida pela menina ilustra possíveis formas de lidarmos com aprendizados acerca do espaço e do tempo. Para tornar isso ainda mais evidente, podemos recorrer a algumas considerações feitas pelo crítico literário Benedito Nunes acerca do tempo na obra literária. Para o crítico, “é deslocável o presente, como deslocáveis são o passado e o futuro. (...) o tempo da ficção liga entre si momentos que o tempo real separa” (NUNES, 2013, p. 25).

Portanto, Rubem Braga faz questão de nos sugerir a necessidade ética de uma sensibilidade, uma humildade e uma curiosidade ao interagir com o desconhecido apresentado em seus textos mais leves – mas não menos complexos – como “Neide” (ou *O anjo vendo as horas*), no qual a viagem pode ser vista não só como um escape da realidade, mas também como uma proposta sobre a forma como devemos observar, valorizar e cuidar das pessoas, do espaço e do tempo em que vivemos.

O narrador demonstra, assim, sua indignação com o ensinamento a respeito da marcação e da contagem do tempo, que, para ele, correspondem ao fim da ingenuidade da menina diante deste fenômeno. A partir disso, ele relaciona a efemeridade do tempo e nossa necessidade de quantificá-lo (já que, se não o contarmos, haverá apenas o presente) à inexistência de entidades superiores – como os anjos –, colocando a menina na posição de quem vê as horas passarem depressa e sugerindo que ela mesma poderia ser o anjo referido no título – que, desta vez, representado por um ser humano, deixará de existir após alguns anos se passarem. “Não deviam ter-lhe ensinado isso. Ela já sabe tanta coisa! As horas se juntam, fazem os dias, fazem os anos, e tudo vai passando, e os anjos depois não existem mais nem no céu, nem na terra.” (p. 27).

Contrastando o tempo real com o tempo da narrativa e encarando o primeiro de modo cronológico, é certo que o tempo não irá mais voltar, já que o presente não pode ser interrompido ou detido. A partir disso, podemos trabalhar em nós mesmos e nos alunos a ideia de constante renovação, estabelecendo outros caminhos para viver novas experiências e aventuras tão ou mais marcantes do que aquelas que compõem nossa memória.

## Motivação para a leitura

O que você tem vontade de fazer em dias nos quais “o céu está limpo”? Quais aventuras você gostaria de viver? Como você acha que seria ir para um lugar bem longe de onde moramos? Como chegaríamos até lá? Despertar questões a respeito da realidade espaço-tempo nas crianças pode ser uma das maneiras de convidá-las à leitura de *O anjo vindo as horas*. Na crônica, a protagonista é movida sobretudo pela curiosidade e pelo desejo de conhecer novos lugares e viver novas experiências.

A viagem de avião apresentada aqui lembra-nos que, embora fisicamente o céu represente um tipo de limite, ele também nos ajuda a ampliar as possibilidades de descobertas e aproxima nossos caminhos de lugares aos quais não fomos apresentados anteriormente. Além disso, a viagem pode ser uma ferramenta preciosa para que nos relacionemos com o tempo, de modo a aproveitá-lo da melhor forma, sobretudo atentando-nos para o fato de que o próprio trajeto em si já é uma experiência marcante e pode transformar de muitas maneiras a nossa relação com o mundo que nos cerca.

Imagine que você está viajando de avião pela primeira vez. Chegar mais perto das nuvens, questionar-se a respeito das formas dos anjos e ver as paisagens de cima e de longe são aspectos que podem ampliar nossa perspectiva em uma série de coisas, certo? Se tudo é uma questão de ponto de vista, deslocá-lo continuamente pode proporcionar reflexões densas acerca daquilo que tínhamos como certeza e do que pode vir a nos surpreender na terra, no mar ou no céu.

A distância entre diferentes paisagens, pessoas e culturas coloca-nos em trânsito em uma espécie de limiar no qual vivemos a expectativa de chegar a um lugar desconhecido ao mesmo tempo em que nos lembra de onde viemos e por que é tão enriquecedor conhecer línguas, culturas e locais diferentes para nos sentirmos mais acolhidos e confortáveis onde quer que estejamos. O mundo, com todos os seus mares, relógios, aviões e pessoas, é enorme, mas pode parecer ainda maior e mais interessante se nomeamos e buscamos cada vez mais compreender os fenômenos e elementos que o compõem.

## Propostas de atividades

As atividades propostas neste bloco têm como objetivo aproximar o estudante do texto, de modo a colocar este objeto de estudo como ponto de partida para as discussões e reflexões, segundo o que estabelece a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, mais especificamente na área de Língua Portuguesa.

A Base estabelece competências gerais e específicas a serem desenvolvidas ao longo da trajetória escolar; estabelece também habilidades que dizem respeito às aprendizagens essenciais esperadas para cada disciplina e ano. Para maior clareza do

trabalho do professor, tanto as competências quanto as habilidades que se destacam ao longo do trabalho com o livro serão listadas no decorrer das propostas de atividades.

Nesta seção, as atividades estão divididas em três etapas: pré-leitura, leitura e pós-leitura. Ressaltamos que, como trata-se de sugestões, cada professor pode modificar as atividades conforme as condições e o contexto de sua escola, turma e intenções didáticas. A ideia é oferecer às alunas e aos alunos subsídios para o reconhecimento da construção literária na crônica de Rubem Braga.

No que diz respeito ao trabalho com textos no Ensino Fundamental, a BNCC (BRASIL, 2018, p. 67) aponta que “o texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da linguagem”.

Assim, espera-se que o educador seja capaz de, por meio de estratégias de leitura, construir a significação de *O anjo vindo as horas* com cada estudante de forma qualitativa. Para isso, é necessário centrar-se na materialidade do texto, organizando espaços para leitura oral compartilhada e meios nos quais os alunos reajam ao que é apresentado, possibilitando uma exposição de como a narrativa transforma suas visões de mundo.

As atividades propostas asseguram aos estudantes o desenvolvimento das seguintes competências:

### **Competências Gerais da Educação Básica**

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

### **Competências Específicas de Língua Portuguesa**

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

## 1. Pré-leitura

Pergunte aos alunos quais são suas paisagens preferidas e peça a eles que as desenhem, como se estivessem sendo vistas de cima, em uma folha de papel sulfite em branco. Sugira montanhas, casas, carros, avenidas, prédios ou praias e mostre, utilizando mecanismos de busca na internet, pinturas e/ou fotografias que façam o mesmo.

Depois de coloridos e terminados os desenhos, questione os alunos sobre viagens para lugares muito distantes e peça a eles que pensem no tempo de trajeto até, por exemplo, países da Ásia ou da Oceania, mostrando o mapa disponível na plataforma Google Earth, que pode ser acessada através do seguinte link: <https://earth.google.com/web/@0,0,0a,22251752.77375655d,35y,0h,0t,0r> (acesso em: 25 out. 2021). Aproveite para perguntar se eles conhecem alguém que viajou bastante ou foi para algum lugar bem longe e peça a dois ou três alunos que compartilhem com a sala que pessoas são essas e para onde elas foram, se lembrarem.

Após essa primeira conversa, pergunte aos alunos o que eles acham que é o céu e o que há nele. Apresente as estrelas, reiterando que o Sol é a principal estrela do sistema no qual encontra-se a Terra e explique a razão dos dias e das noites, fazendo gestos e virando o corpo para imitar a rotação, esclarecendo que a Terra possui o formato de uma esfera assim como os outros planetas do Sistema Solar, e que sua representação azulada diz respeito à quantidade de água que apresenta em mares e oceanos.

A partir disso, mostre a capa do livro e peça aos alunos que tentem entender qual é a relação entre o que você explicou (sobretudo os pontos relacionados ao céu e à alteração constante entre dia e noite) e a figura do anjo e das horas que aparecem no título. Para incentivar a discussão, pergunte: **Onde mora o anjo? Que horas são agora? Olhar para o céu pode nos ajudar a estabelecer o tempo? Já pensou como era quando não existia o relógio?**

Por fim, apresente aos alunos figuras do relógio de sol, da ampulheta e do relógio analógico, afirmando que, com o passar do tempo, a humanidade foi construindo diferentes objetos capazes de nos situar diante do tempo e que, na fala, situamos o que fazemos, vivemos e sentimos em passado, presente e futuro. Depois, introduza-os à capa do livro e pergunte: **Que tipo de história vocês acham que vamos ler? Que objeto vemos na capa? Vocês usam-no para ver as horas? Se não, qual objeto vocês usam no lugar dele? E quais tamanhos eles podem ter?**

Antes de iniciar a leitura, mostre a contracapa e leia (ou peça para dois alunos lerem) atentamente o texto, destacando as passagens “máquina que vai cortando as nuvens”, “passagem do tempo” e “nosso voo rumo ao futuro que nos espera”. Caso haja tempo, exemplifique como tratamos da categoria *tempo* por meio da língua, escrevendo na lousa um verbo no passado, um no futuro e um no presente (“escreve”, “pensou”, “observará”, por exemplo), sem dar muitas explicações gramaticais nesse primeiro momento. Pergunte aos alunos: **Como vocês sabem quando foi feita a ação**

na frase “Ela leu um livro”? E se eu dissesse “Ela leu um livro amanhã”, isso faz sentido? Por que não? Vocês estão prontos para voar? Feitos os questionamentos acima, coloque os estudantes em roda e prepare-se para a leitura.

Estabelecendo uma ponte com o que preconiza a BNCC, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental “amplia-se o letramento, por meio da progressiva incorporação de estratégias de leitura em textos de nível de complexidade crescente” (2018, p. 89) no eixo de leitura e escuta.

Nessas atividades de pré-leitura, privilegiamos as seguintes habilidades e seus respectivos objetos de conhecimento propostos pela BNCC (2018):

### **Estratégia de leitura**

- (EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.
- (EF35LP06) Recuperar relações entre partes de um texto, identificando substituições lexicais (de substantivos por sinônimos) ou pronominais (uso de pronomes anafóricos – pessoais, possessivos, demonstrativos) que contribuem para a continuidade do texto.

## **2. Leitura**

Leia o livro inteiro na sala de aula sem pressa e, se possível, de uma vez só, concentrando-se nas demarcações temporais e nos questionamentos que a protagonista faz diante do espaço e do tempo que lhe são apresentados. Mostre às crianças como as dúvidas são muitas vezes parecidas com as que elas possuem. Durante a leitura, realce a construção imagética proposta pelo autor: as cores, desde o azul do “céu limpo” até a cor do vestido da menina (associada às asas dos anjos), e mostre as ilustrações das páginas depois de lê-las aos alunos, para que a imagem complemente a linguagem verbal – e não o contrário.

Ao longo da leitura, peça para os alunos extraírem o máximo de informações do livro, solicitando que observem que estamos implicados na experiência desde o início (na oração em primeira pessoa do plural): “(...) e temos de pôr os cintos para evitar uma cabeçada na poltrona da frente” (p. 7), e que eles apontem quais cores e objetos se destacam nas imagens apresentadas.

### **Conhecimento alfabético**

Demore um pouco mais na pronúncia de palavras como “florestas” e “cidade” para dar um ritmo diferenciado à leitura e destacar que termos como estes constroem

a ambientação que acompanhamos ao fazer o trajeto junto com a narração. Explique que palmeiras, ipês e embaúbas são plantas que muitas vezes fazem parte do nosso cotidiano, que a cidade de Petrópolis faz parte do Estado do Rio de Janeiro e, portanto, estamos atravessando um trecho da costa do Brasil na narrativa.

Assopre o ar de modo a imitar o som do vento e abra os braços antes de iniciar a leitura das páginas 10 e 11, mostrando visualmente que os elementos narrados possuem formatos específicos e são muito grandes, por isso possibilitam um ponto de vista panorâmico diante do que aparece no texto. Pause a leitura rapidamente para explicar “o tranquilo conforto imóvel” (p. 11) que o narrador apresenta no avião. Pergunte aos alunos de onde ele está falando. Se estamos dentro de um meio de transporte e outra pessoa também, estamos parados nesse ponto de vista. Porém, se estamos dentro de um meio de transporte e somos observados de fora, estamos em movimento. Após reiterar a distinção entre estes pontos de vista, retome a leitura e imite a voz de um piloto com as mãos nos ouvidos, simulando um fone, durante o trecho “Os motores foram revistos, estão perfeitos, funcionam bem (...)” (p. 12), voltando à voz do narrador inicial na oração seguinte.

Expresse um breve espanto antes de ler “Os solavancos nos lembram de que a natureza insiste em existir” (p. 13) e explique que a Metafísica procura relacionar os fenômenos naturais com a nossa vida. Ao mostrar as figuras dessas páginas, peça para que os alunos procurem imagens do Sol, da Lua, da ampulheta e que se coloquem no lugar de um copiloto, que precisaria constantemente checar essas informações e ter certeza de que tudo está, de fato, em ordem.



### **Desenvolvimento de vocabulário**

Nas páginas que exigem uma maior atenção dos estudantes, faça sons e gestos que facilitem a compreensão, como puxar o ar com a boca em “sorverá de um hausto” (p. 15) e distribuir no espaço o avião com uma das mãos e a montanha com a outra, de modo que fique claro para os estudantes que “o gigante” narrado pelo autor é uma metáfora para as montanhas, que estão debaixo da “máquina” que é o avião. A figura

do monstro de metal deve-se ao fato de que, pelo peso e pelo tamanho, não seria intuitivo que o avião voasse. Por isso, explique a importância do motor e da força que a máquina deve fazer para ir contra a gravidade.

A partir da página 16, a narração se divide com falas de novos personagens, que também estão dentro do avião e discutem a respeito da relação que os anjos estabeleceriam com os aviões. Pergunte às crianças: **Qual tamanho vocês acham que o céu tem? Seguindo este raciocínio, qual seria o tamanho dos anjos? Os anjos poderiam dar licença para os aviões passarem?**

Neste ponto da narrativa, o tema da descoberta de si se cruza com o tema diversão e aventura na medida em que é a própria viagem – ou aventura – que possibilita a reflexão. Por isso, estimule a imaginação das crianças neste momento, antes da leitura da confirmação do comissário de bordo, e se apoie nas figuras dos relógios para explicitar brevemente a passagem do tempo e o funcionamento do ciclo de 12 horas, distinguindo dia e noite.

Na leitura da página 21, explique o significado da palavra “ofício” e questione os alunos a respeito da rotina de um comissário de bordo. **São as mesmas obrigações que um médico ou um professor têm? E qual o espaço de trabalho dele?** Por fim, associe a Baía de Guanabara ao Rio de Janeiro, mostrando aos estudantes que aquele cartão-postal é o destino de todos os que estavam dentro do avião.

Demonstre a postura expansiva da menina por meio de movimentos com os braços, e a pressa que ela diz ter, acelerando a leitura do texto na página 26. Em seguida, aponte para o relógio presente na ilustração e desacelere a leitura na página 27, enfatizando as palavras repetidas e o encadeamento linguístico realizado no desfecho da crônica. Por fim, retome o título e diga aos estudantes que a menina, assim como nós, aproveitou cada momento dessa experiência de viagem e, dessa forma, viu as horas passarem rápido, ampliando seus pensamentos a respeito das montanhas, dos anjos, dos aviões e dos múltiplos pontos de vista possíveis a partir da articulação entre todos esses aspectos.

### **Fluência na leitura oral**

Caso os alunos já sejam alfabetizados – como costuma ser o caso dos 2º e 3º anos –, peça a alguns deles que leiam trechos mais simples e pergunte a outros alunos o que entenderam das partes lidas pelos colegas para que a leitura se torne mais interativa e colaborativa. Se for possível, experimente incorporar à leitura bonecos, fantoches ou outros brinquedos que simulem personagens e/ou elementos naturais e até objetos (montanhas, árvores ou o avião) para colaborar na construção imagética do texto de Rubem Braga.

Nas atividades de leitura propostas acima, privilegiamos as seguintes habilidades propostas pela BNCC (2018). Destacamos abaixo as habilidades organizadas conjuntamente aos objetos de conhecimento:

### **Formação do leitor literário**

- (EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.
- (EF02LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, textos literários, de gêneros variados, desenvolvendo o gosto pela leitura.

### **Forma de composição do texto**

- (EF02LP17) Identificar e reproduzir, em relatos de experiências pessoais, a sequência dos fatos, utilizando expressões que marquem a passagem do tempo (“antes”, “depois”, “ontem”, “hoje”, “amanhã”, “outro dia”, “antigamente”, “há muito tempo” etc.), e o nível de informatividade necessário.

### **Formas de composição de narrativas**

- (EF01LP26) Identificar elementos de uma narrativa lida ou escutada, incluindo personagens, enredo, tempo e espaço.

### **Estratégia de leitura**

- (EF35LP04) Inferir informações implícitas nos textos lidos.
- (EF35LP05) Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto.

### **Escrita autônoma e compartilhada**

- (EF35LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto.

## **3. Pós-leitura**

Peça aos alunos que se reúnam em grupos de quatro integrantes para que eles pensem em histórias parecidas com esta. Apresente o gênero crônica como uma narrativa pequena que descreve nosso dia a dia de diferentes formas e também um breve contexto literário de *O anjo vendo as horas*, pontuando que este texto foi originalmente publicado em um jornal há muitos anos e que textos como esse, com o passar do tempo, ganham novos formatos em volumes de livros para diversas faixas etárias.

### **Compreensão de textos**

Adentrando mais especificamente na crônica lida, lembre que o narrador do texto não é a menina, diferenciando, assim, a protagonista e o foco narrativo, e apresente as categorias narrativas com as quais lidamos durante a leitura: enredo, espaço e tempo.

Mais importante do que os estudantes fixarem ou não os conceitos, este é o momento de fornecer essas informações como curiosidades que, como eles verão mais adiante, reaparecerão em outras narrativas – curtas ou longas, atuais ou antigas. Não perca muito tempo nas explicações, mas certifique-se de que esses comentários sejam feitos antes de prosseguir com as atividades mais práticas de paráfrase e análise da crônica.

### **Consciência fonológica e fonêmica**

Como primeira atividade, sugerimos uma roda de conversa na qual os alunos recontem ao professor aquilo que foi lido para revisar a sequência de eventos e organizar as descrições presentes no texto. Os alunos podem conversar primeiro em duplas por cerca de cinco minutos e, depois, com o grupo todo para que não haja constrangimento e para que todos sejam incluídos na discussão. Com isso, você deve repassar as páginas (de modo mais breve), incentivando que os alunos expliquem com as próprias palavras aquilo que aconteceu e como eles perceberam esses acontecimentos.

Após essa paráfrase coletiva do texto, sugerimos três propostas de trabalho com os alunos, sendo a primeira intertextual, estabelecendo um diálogo da crônica com uma música de Milton Nascimento e Márcio Borges; a segunda, com uma abordagem semântica, concentrada em aspectos descritivos que podem facilitar a interpretação do texto; e a terceira, manual, compreende uma aula mais interativa e dinâmica. Não se trata de exercícios excludentes, mas complementares, e que podem ser modificados conforme o tempo, a disponibilidade e o interesse de cada turma.

Começando pela abordagem intertextual, reproduza a canção “Voa, bicho”, interpretada por Milton Nascimento e Maria Rita e composta por Márcio Borges, disponível em diversas plataformas de áudio e também pelo seguinte link do YouTube: [https://www.youtube.com/watch?v=e5AY7HYR-20&ab\\_channel=MiltonNascimento-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=e5AY7HYR-20&ab_channel=MiltonNascimento-Topic) (acesso em: 28 out. 2021). Questione-os a respeito do andamento da música e dos instrumentos audíveis na gravação, pedindo que cada estudante liste-os no caderno após a primeira escuta. Pergunte a eles e peça que respondam individualmente ou em duplas no caderno:

- a) Qual é o tema da canção?
- b) Como este tema aparece no som (considerando a disposição dos instrumentos e a voz principal)?
- c) Você percebe a repetição de determinados sons de consoantes? Quais consoantes são essas?
- d) A letra nos conta uma história baseada em uma metáfora. Você consegue enxergar semelhanças e diferenças entre a história contada em “Voa, bicho” e em *O anjo vendo as horas*? Cite ao menos duas semelhanças e duas diferenças entre as obras.

Durante a correção coletiva, traga o conceito de aliteração como a repetição das consoantes e, caso julgue necessário, reproduza a canção mais vezes, pausando-a

para comentar o som complementar entre a bateria, os violinos, o piano, o baixo e a guitarra e a relação estabelecida com a fuga do interlocutor, referido como “andorinha”, que pode dizer respeito a diversas relações, como de um amigo que se muda de cidade, aos pais, mães, filhos e irmãos que deixam de viver juntos pelos mais diversos motivos.

Assim como o tema da crônica, uma canção necessariamente é marcada pelo andamento do tempo, o que possibilita resgatarmos o apontamento do final do texto de Braga, que lamenta a efemeridade e a rapidez com que os acontecimentos se desenrolam. Por isso, explique a respeito da necessidade que temos ao contabilizar o tempo, para que organizemos nossas atividades e aproveitemos ao máximo cada minuto, já que a aula, o intervalo e o dia – e, em maior proporção, o ano, a infância e a vida, passam rápido. A concentração no presente, portanto, deve ser o nosso foco.

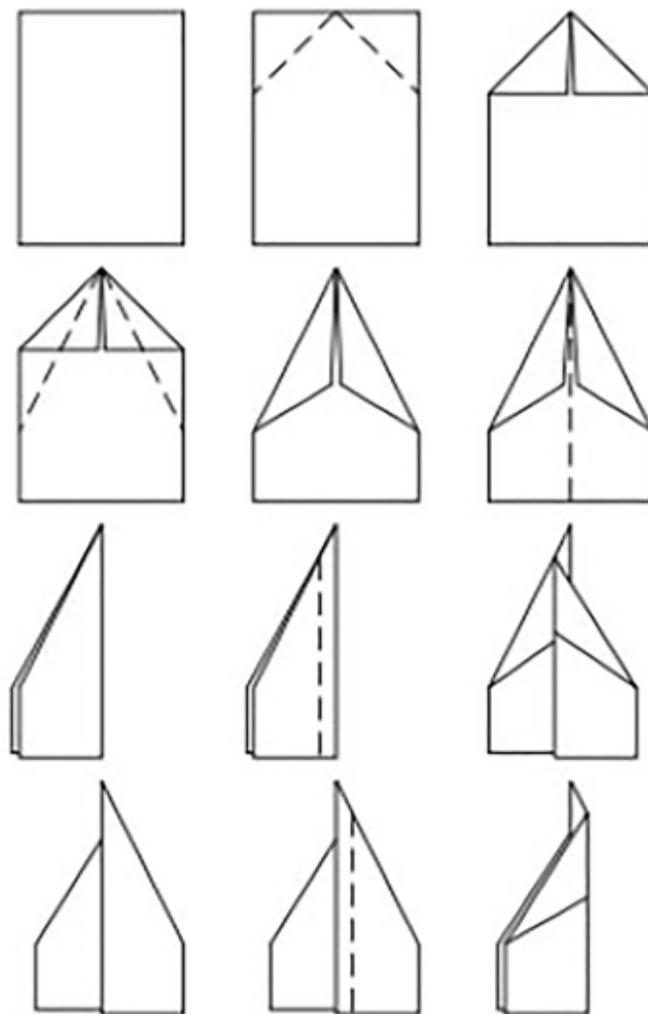
Paralelamente ao tema, a forma dos textos é essencial para adentrar o debate e a correção. Desse modo, no momento de corrigir a atividade, peça para que alguns alunos escrevam na lousa os instrumentos ouvidos, comentando oralmente as possíveis respostas das questões seguintes e apontando que esse exercício, além de possibilitar diversas percepções acerca das obras, exige que nós aprofundemos nossos pensamentos sobre elas. Apesar da sinopse ou de um breve resumo serem capazes de aproximá-las, não teríamos tido a experiência de entendê-las e lê-las de modo atento e denso se não escutássemos, lêssemos e retomássemos cada palavra que as compõem.

Uma segunda sugestão de atividade, dessa vez mais curta, incentiva os alunos a se reunirem em duplas e a se questionarem a respeito das palavras que mais chamaram a atenção. Peça para que, no caderno, cada dupla liste três delas, explicando o porquê da escolha de cada uma. **Elas geraram dúvidas? Eram essenciais para entendermos a paisagem ou o que se passava na cabeça de algum personagem?**

A seguir, apresente a ideia de “semântica” e de palavras que se aproximam não pelo som, mas pelo significado. Solicite a mais ou menos cinco duplas que um integrante de cada uma escreva as palavras na lousa enquanto o outro explica a escolha. De modo a dar continuidade na discussão, peça que outros colegas levantem a mão e complementem o campo semântico – isto é, este conjunto de palavras com um significado semelhante – caso tenham listado termos parecidos ou iguais.

Essa abordagem, apesar de mais direta, tem como objetivo descrever e analisar o léxico do texto, sistematizando, assim, os termos apreendidos por meio da experiência de leitura e solucionando ainda eventuais dúvidas acerca do vocabulário utilizado por Rubem Braga.

Apresentamos ainda uma terceira alternativa para tornar a atividade de pós-leitura mais dinâmica. Proponha aos alunos que eles façam o próprio avião de papel. Para isso, entregue a cada um deles uma folha de papel sulfite (A4) e fique com uma para você demonstrar as dobraduras necessárias conforme a sequência de imagens a seguir.



Após o término desta etapa, peça aos alunos que pintem os aviões como quiserem e pergunte se eles conhecem alguém que já viajou de avião, estimulando-os. Sugerimos que, logo após o término da atividade, você incentive os alunos a levar a dobradura para casa como lembrança e para que perguntem aos seus pais (ver o item *Literacia familiar* deste mesmo manual) a respeito de eventuais viagens de avião ou se eles conhecem alguém que tenha uma história marcante a respeito de andar de avião pela primeira vez.

Caso seja preferível manter esses materiais na escola, reúna as produções dos alunos e cole-as (de lado, para que os desenhos fiquem aparentes) na superfície de folhas de E.V.A., como em um grande mural. Em outra folha de papel, escreva “Aeroporto” e coloque-a acima das produções das crianças, criando, nesse espaço, uma decoração da sala feita pelos próprios alunos de modo que eles conversem a respeito de cada avião e se lembrem das discussões suscitadas pela leitura do texto de Rubem Braga.

Portanto, considerando complementares e dialógicas as propostas apresentadas, o trabalho com a linguagem contribui para o desenvolvimento da sensibilidade estética, construindo uma ponte entre a criança e o mundo real e o simbólico de modo lúdico e

dinâmico. Com essa introdução à linguagem literária, a criança passa a perceber que elementos previamente conhecidos no mundo podem ter diferentes representações.

Pensando nisso, as atividades de pós-leitura sugeridas aqui procuram trabalhar as seguintes habilidades apresentadas na BNCC (BRASIL, 2018):

### **Escuta atenta**

- (EF15LP10) Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.

### **Contagem de histórias**

- (EF15LP19) Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor.

### **Formas de composição de narrativas**

- (EF01LP26) Identificar elementos de uma narrativa lida ou escutada, incluindo personagens, enredo, tempo e espaço.
- (EF02LP28) Reconhecer o conflito gerador de uma narrativa ficcional e sua resolução, além de palavras, expressões e frases que caracterizam personagens e ambientes.

### **Decodificação/Fluência de leitura**

- (EF35LP01) Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado.

### **Compreensão em leitura**

- (EF02LP12) Ler e compreender com certa autonomia cantigas, letras de canção, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto e relacionando sua forma de organização à sua finalidade.

### **Estratégia de leitura**

- (EF35LP06) Recuperar relações entre partes de um texto, identificando substituições lexicais (de substantivos por sinônimos) ou pronominais (uso de pronomes anafóricos – pessoais, possessivos, demonstrativos) que contribuem para a continuidade do texto.

## **Literacia familiar**

Este item do manual contém orientações a respeito de formas de divulgação, sensibilização e orientação sobre práticas de literacia familiar a serem realizadas pelas famílias dos alunos.

De acordo com a Política Nacional de Alfabetização (PNA), o conceito de literacia familiar é compreendido como um conjunto de práticas e experiências relacionadas com a linguagem, a leitura e a escrita vivenciadas entre pais/responsáveis e filhos.

Comunique às famílias que os estudantes estão lendo, em sala de aula, o livro *O anjo vendo as horas*. No dia em que as crianças levarem o livro para casa, escreva um bilhete aos pais e/ou responsáveis para que eles leiam o livro novamente com a criança, orientando-os também a perguntarem o que ela já sabe sobre a história, o que foi conversado em sala de aula e qual o trabalho que está sendo feito com o livro. Peça aos pais e/ou responsáveis que sejam ouvintes atentos, favorecendo à criança o prazer da leitura do texto e colaborando com a sensibilidade do leitor em formação.

Veja um exemplo de bilhete abaixo:

*Pais, mães, responsáveis,*

*Esperamos que estejam bem. Nas últimas aulas, realizamos a leitura do livro O anjo vendo as horas, de Rubem Braga. Seu(Sua) filho(a) está levando esse livro para casa para que vocês leiam e discutam juntos a respeito desse conto. Na escola, conversamos muito sobre o livro, concentrando-nos nas dúvidas da protagonista a respeito da forma física dos anjos e, principalmente, como nos relacionamos com a passagem do tempo em diferentes espaços, confeccionando ainda um avião de papel personalizado por cada estudante.*

*Antes de ler a obra com o(a) aluno(a), pergunte a ele(a) sobre a forma do livro, se a história possui um começo, um meio e um fim e o porquê de, neste caso, o meio ser a parte mais importante – já que o foco do texto está no trajeto da viagem mais do que em um resultado ou ponto de chegada.*

*Leia algumas páginas por dia e compartilhe a leitura com seu(sua) filho(a). Sugerimos que você leia uma página e, a criança, a página seguinte. Não tenha pressa para finalizar a leitura, mas procure relacionar as palavras a experiências que vocês compartilharam juntos, passeando em quaisquer meios de transporte, conversando sobre como aproveitar o tempo da melhor maneira ou mesmo se conhecem outras séries, filmes ou livros que também discutam o tempo e o espaço de formas semelhantes. Falem sobre as ideias que o livro despertou em vocês e quais trechos mais chamaram a atenção.*

*Um abraço,*

*(Nome do(a) professor(a)).*

Como a forma com a qual Rubem Braga narra a história sugere múltiplas atividades e reflexões, oriente os alunos, em outro momento, a perguntarem em casa sobre as viagens que seus pais fizeram ou gostariam de fazer. Para que a conversa entre os familiares se aprofunde, sugira questões como: **Qual viagem mais te marcou? Por quê? Quem estava com você naquela ocasião? Você prefere viajar para destinos rurais**

ou urbanos? Você já andou de avião? Achou muito diferente da experiência de utilizar transportes terrestres ou aquáticos? Você lembra do que sentiu quando entendeu o funcionamento dos calendários e relógios?, entre outras.

O objetivo da atividade é propor uma troca de experiências entre pais, responsáveis e estudantes de modo que um escute as impressões e pensamentos que os outros tiveram ao entrar em contato com a obra. Por meio de perguntas como essas, é importante que as famílias reflitam sobre a dificuldade em lidar com a efemeridade do tempo e de quão enorme é o sistema e o universo nos quais estamos inseridos.

Outra possibilidade de inserir a família/responsáveis na leitura e no trabalho com esse livro é enviar para casa os desenhos das paisagens vistas de cima realizados pelos estudantes antes da leitura. Em uma pasta ou um livro artesanal, disponibilize esses textos e proponha um rodízio deste material. Faça um sorteio ou siga a ordem alfabética e, a cada fim de semana, um estudante leva o livro para casa para ler junto com a família e conversar um pouco sobre as produções relacionadas ao texto.

## Referências

ATHAYDE, Simone Machado de; POLONI, Rachel Santana Torres; TEMPORIM, Patrícia Gama. “Crônicas de Rubem Braga: um diálogo sobre a vida e sustentabilidade com as crianças da Educação Infantil”. In: *Linha Mestra*, Unicamp, n. 30, p. 1501-1506, set-dez/2016.

BRAGA, Rubem. Neide. *Portal da Crônica Brasileira*. Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/10467/neide>. Acesso em: 20 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *PNA Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização*. Brasília: MEC/SEALF, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018.

GOOGLE Earth. Disponível em: <https://earth.google.com/web/@0,0,0a,22251752.77375655d,35y,0h,0t,0r>. Acesso em: 25 out. 2021.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução: Izidoro Blikstein; José Paulo Paes. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

PAPIROFLEXIA instrucciones avion flecha.svg. *Wikimedia Commons*. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Papiroflexia\\_instrucciones\\_avion\\_flecha.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Papiroflexia_instrucciones_avion_flecha.svg). Acesso em: 26 nov. 2021.

VOA bicho, 2019. Publicado por Milton Nascimento. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=e5AY7HYR-20&ab\\_channel=MiltonNascimento-Topic](https://www.youtube.com/watch?v=e5AY7HYR-20&ab_channel=MiltonNascimento-Topic). Acesso em: 25 out. 2021.